

BAILEY HANNAH



UM LAÇO REFEITO

SÉRIE WELLS RANCH

**TOP
SEL
LER**

*Dedicado a todas as mulheres ferozmente independentes.
Espero que encontrem alguém em quem se possam apoiar.*

Até lá, têm o Denver Wells.

AVISOS DE CONTEÚDO:

- Doença de Alzheimer (referida em detalhe)
- Aborto (referido, não representado)
- Consumo de álcool, incluindo por menores de idade (explícito)
- Fratura (explícito)
- Cancro (referência explícita)
- Depressão (referida em detalhe)
- Acidente com cavalo (animal ileso, referência explícita)
- Abandono parental (referido, não mostrado)
- Doença/morte de progenitor (explícito)
- Uso de medicamentos receitados para depressão e dor (explícito)
- Vômito (explícito)
- Cenas de sexo explícito



Prólogo

Blair

«Perdi-me, por assim dizer.» — Auguste Deter
(primeira pessoa diagnosticada com doença de Alzheimer)

Faltavam onze minutos para as seis da tarde do dia de Natal quando a minha vida se desmoronou.

Pestanejando rapidamente para me livrar da névoa que me impede de ver com clareza o elaborado jantar de peru diante de mim, olho para a sala de estar de modo a evitar o olhar da minha mãe. Há menos de vinte minutos, estava aninhada no sofá com a minha irmã, com os nossos pijamas a condizer, a gozar com a minha mãe por ligar o canal de televisão da lareira. Agora, o sonoro crepitar do lume falso e a música cheia de sinos de trenó acrescentam à cena uma frivolidade que não aprecio.

— Desculpa não te termos dito antes — começa o meu pai com um sorriso magoado, enquadrado pelo piscar das luzes da árvore de Natal atrás de si.

Doença de Alzheimer: uma doença neurodegenerativa que provoca perda de memória e declínio da capacidade cognitiva. É a forma mais comum de demência; é irreversível.

Lá fora, a neve cai em turbilhões furiosos — uma representação perfeita do que me acontece no peito enquanto olho para o meu pai, sem o ver realmente, estalando os nós dos dedos para afastar a vontade de lhe bater. Esmurrar o meu querido pai não vai resolver nada. Não será isso que vai alterar o diagnóstico da minha mãe, ou o facto de eles o terem escondido de mim durante meses. Mas *irá* perturbar os meus pais, a minha irmã e o meu sobrinho de 10 anos.

Os músculos do meu peito comprimem-me os pulmões, e eu esforço-me para inspirar profundamente quando os pensamentos de pânico se apoderam do meu cérebro. Solto um suspiro trémulo e faço o que faço sempre: sorrio.

— Pronto, nós resolvemos isto — respondo, cerrando as mãos sobre o colo para impedir que tremam violentamente. — Hoje em dia, as pessoas vivem muito mais tempo com a doença. Há imensas opções de tratamento. Podemos instalar equipamento de segurança, como trancas, alarmes, notas, e vai correr tudo bem.

Vai correr tudo bem.

— Vai correr tudo bem — repito, enquanto combato a hesitação no meu sorriso. Dirijo um aceno de incentivo à minha irmã mais nova, pestanejando para conter as lágrimas ao ver o medo evidente no seu olhar.

Claro que não vai correr tudo bem. A nossa mãe é mais jovem do que a idade típica para contrair a doença de Alzheimer. E apesar de a neurociência não ser algo em que me tenha concentrado muito durante os meus seis anos de enfermagem e pós-graduação, sei que o Alzheimer de início precoce costuma progredir mais rapidamente. Aos poucos, a minha mãe irá esquecer-se de tudo o que conhece. Até o cérebro dela perder a capacidade de manter o seu corpo a funcionar. E ninguém nesta família voltará a ficar realmente bem.

Mas, por ora, a fim de os proteger, direi que vai ficar tudo bem.

Quinze minutos depois, peço licença para me levantar do jantar de Natal e pego no meu computador para passar o resto da noite a pesquisar a fundo a doença de Alzheimer. Mas uma nota adesiva

laranja acaba por me recordar do telefonema que devia ter feito no início da semana para o médico local, o Dr. Brickham, por causa de um emprego. Foi o meu pai que tratou de tudo, sugerindo-me que aceitasse o emprego devido à enorme falta de cuidados médicos decentes em Wells Canyon. Só que, tanto quanto sei, todas as conversas que tive com os meus pais nos últimos seis meses foram uma longa sequência de mentiras. Percebo agora que esta foi a sua maneira subtil de me fazer voltar a casa.

— Porra — murmuro para comigo, amachucando o papel e lançando-o na direção do caixote do lixo.

Claro que me esqueci. O meu cérebro é composto, essencialmente, por dois mil oitocentos e setenta e cinco notas adesivas numa pilha confusa, pelo que não constitui surpresa que acrescentar mais uma ao caos não tenha feito com que a informação colasse. Já o diagnóstico da minha mãe significa que tenho de somar um novo monte de informações inúteis ao turbilhão na minha mente.

Caio de costas na cama do meu quarto de infância com um suspiro de derrota, olhando para o teto pontilhado com a visão desfocada pelas lágrimas. É evidente que não posso ser uma mulher de 31 anos a viver num quarto com um monte de estrelas fluorescentes por todo o teto. Com um soluço, ponho-me de pé em cima da cama e estico-me até as costelas me arderem e mal ser capaz de levantar os braços, arrancando todas as malditas estrelas de plástico.

Goste ou não, vou mudar-me para Wells Canyon.



1

Denver

Não é que esteja a tentar morrer, a questão é que não me importa particularmente que isso venha a acontecer. Não se cair do dorso de um cavalo, com o sol a bater-me nas costas e um sorriso no rosto. Poucas pessoas são capazes de entender isso, mas a minha mãe sempre entendeu, e é por esse motivo que ela é a única pessoa com quem quero conversar nos instantes que antecedem cada vez que monto num *rodeo*.

Tudo o que ouço é o som suave do esticar da ganga e do couro quando me agacho na pista de acesso. Uma corrente elétrica ardente irradia pelas minhas coxas e crepita na minha espinha, e demoro o meu tempo a levantar-me. Depois de rodar o pescoço lentamente umas quantas vezes, estou pronto para saltar para o dorso de um cavalo que não para de se empinar.

As minhas mãos sobem pelos meus safões gastos no caminho até à boca, e levo as pontas dos indicadores e dos dedos médios aos lábios antes de tocar delicadamente na placa em memória da minha mãe na parede do celeiro.

— Vai-te a eles sem piedade — murmuro quando saio pela porta. Tornou-se uma espécie de encantamento nos anos seguintes a tê-la

ouvido dizer estas palavras pela última vez. Uma mensagem que dirijo a onde quer que o seu espírito possa estar; uma recordação de que não estou a *tentar* morrer e um pedido para que olhe por mim.

Após um inverno longo e duro, o primeiro *rodeo* da primavera tem a lotação esgotada. As bancadas estão a abarrotar, com os espetadores sentados ombro com ombro ao longo de cada centímetro da vedação em torno da arena. Mas não estou nervoso por ter quinhentos pares de olhos postos em mim. Isso só faz subir a parada, porque, mesmo que não ganhe, participo sempre para impressionar. Afinal, dar espetáculo para o público é quase tão importante como ganhar — sobretudo nestes *rodeos* de cidade pequena.

Descrevendo círculos largos com os braços para aquecer os ombros, localizo o Colt, um dos peões do rancho da minha família, onde temos vinte mil cabeças de gado. Tirando as meninas locais apaixonadas por fivelas, é possível que ele seja o meu maior fã. E como o meu melhor amigo decidiu começar a trocar-me por deveres parentais, o Colt é o único com quem posso contar para vir comigo ao *rodeo*.

Viro a esquina e vejo-o apoiado no gradeamento de uma rampa para potros, a conversar com a Peyton. Normalmente, a Peyton seria um regalo para os olhos, com o seu cabelo louro, olhos azuis, mamas incríveis e uma queda para cowboys. Além disso, é divertida o suficiente para estar com ela a curto prazo, que é o máximo que posso oferecer a qualquer uma das mulheres que por aqui andam.

Que mais posso pedir?

O vislumbre de um cabelo castanho ao fundo chama-me a atenção. Sou um desastre em apostas, mas diria que pelo menos cinquenta por cento das mulheres aqui presentes têm cabelo castanho. E devem aqui estar umas cem morenas, portanto, não pode ser. Não é possível.

No preciso momento em que recordo a mim mesmo que nem morta a apanhavam num *rodeo* em Wells Canyon, a visão do seu perfil enquanto se perde na multidão de participantes na corrida do barril faz soar uma corda de guitarra demasiado tensa no meu peito.

Acabo de ver um fantasma; pronto, *tecnicamente* ela não está morta, mas sem dúvida que a sua presença aqui dá a sensação de ser paranormal. Mesmo passado todo este tempo, seria capaz de a reconhecer em qualquer lado. Passei horas a memorizar aquele rosto, e anos a tentar esquecê-lo.

É possível que tenha sido transportado no tempo.

Volto-me para seguir a rapariga, desesperado para saber se estou a ver coisas, mas uma mão envolve-me o bíceps e sou trazido de volta ao presente.

— Olá, cowboy — arrulha a Peyton ao meu ouvido, envolvendo-me o pescoço com os braços. Num lugar que tresanda a suor, gado e sujidade, ela parece mel e morangos. Inspiro profundamente, sorrindo-lhe e sentindo cada batimento irregular do meu coração. Como se o meu peito se fechasse lentamente sobre si. Como se eu não me sentisse tentado a afastá-la para ir atrás de uma recordação.

— Pensei que fosse para ir ter contigo depois da minha prova — observo.

— Achei que podias precisar de um beijo de boa sorte — responde, devolvendo-me o sorriso, mas não consigo impedir o meu pensamento de vaguear pelo espaço vazio ao fundo da ruela.

Mas, e se fosse... Não é possível.

De entre todos os *rodeos* possíveis, não é neste que me posso distrair. Há meses que não treino para montar cavalos selvagens, e não posso sentar-me em segurança no dorso de um animal de quatrocentos e cinquenta quilos sem ter a cabeça no lugar certo. Por isso, ficaria bem se pudesse ir rapidamente atrás dela e confirmar que foi tudo imaginação minha.

— Denny — diz simplesmente a Peyton, interrompendo a minha corrente de pensamento ao mesmo tempo que o Colt pousa a mão no meu ombro, para me dar a saber que chegou a hora da minha prova.

— Desculpa, tenho de ir. Vemo-nos depois — respondo, afastando-me e sorrindo-lhe antes de voltar a minha atenção para o Colt. Afastando da minha mente a aparição que vi.

— Selado e pronto para a ação — observa o Colt, dando uma palmada na sela gasta e levantando uma nuvem de pó brilhante.

Está na hora do espetáculo.

Verifico o trabalho dele, apertando a cilha e inspirando profundamente antes de subir para o último varão do corrimão da rampa. Por baixo de mim, quase quinhentos quilos de atitude resfolegam longa e ruidosamente, desejosos de dar início ao espetáculo. O que muitos não percebem no *bronc riding* — e em todos os desportos de *rodeo*, na verdade — é o quanto os animais também acham isto divertido. Se um cavalo não quiser participar, simplesmente não faz aquilo que dele se espera. Para os animais, é um jogo, um momento de plena liberdade para serem selvagens, para brincarem com os humanos da mesma forma que brincam com outros cavalos. Depois, regressam ao criador de gado para viverem uma vida mimada num campo verdejante. Se a manada de serviço do Rancho Wells visse estes cavalos, começaria a derrubar os nossos cowboys, na esperança de encontrar um novo trabalho como cavalos de *rodeo*.

A rédea enraçada e coçada desliza pela minha mão calejada e eu deixo-me cair na sela. Ignoro os cowboys que me dão palmadas nas costas, repetindo as dicas que já ouvi um milhão de vezes. *Corpo contra a corda. Inclinado para trás. Peito para cima. Queixo para baixo.*

Oito segundos não parecem muito tempo para a maioria. Fora de um *rodeo*, não me lembro da última vez em que reparei exatamente quanto tempo dura um segundo. Mas quando estes podem ser os últimos oito segundos da nossa vida, parecem mesmo uma eternidade. No entanto, apesar da possibilidade real de uma lesão grave, não me consigo imaginar a desistir deste desporto. A vida é curta, e a adrenalina de montar um cavalo indomado é melhor do que qualquer sensação que possa ter experimentado.

Acomodo-me na sela, ajustando a forma como estou sentado e prendendo as botas com toda a firmeza nos estribos. Reajusto a rédea na mão exatamente três vezes, em sincronia com as três vezes que inspiro profundamente, como o meu avô me ensinou.

Corpo contra a corda, queixo para baixo, pés para cima.

Lambendo os lábios cobertos de suor e poeira, estendo o meu braço livre. Forte e firme, ainda que não vá continuar deste modo assim que este cavalo comece a tentar atirar-me ao chão. E, antes que tenha tempo para repensar no que quer que seja, aceno que sim com a cabeça.

A porta abre-se de par em par com um rangido arrepiante. Tudo o que tenho agora é memória muscular. Os meus calcanhares cerram-se sobre as espáduas do animal, e os seus cascos dianteiros esmagam a terra. Vamos com tudo — colado ao meu assento, espreio, ergo-me e vou na crista da onda com uma perícia destemida. Guinamos para a esquerda e a minha atenção prende-se numa aparição entre as orelhas do cavalo.

A rapariga que era tudo para mim.

Não me parece justificável chamar-lhe aquela que me escapou. Porque isso significaria que me fugiu por entre os dedos... mas a verdade é que a deixei e ambos ficámos destroçados.

O animal arqueia o dorso e eu aperto mais, sem deixar de olhar para ela. Perco a noção de tudo ao meu redor quando os nossos olhares se encontram. Esqueço-me de quem sou e do que devia fazer. Depois, movo-me na direção errada e...

2

Blair



A bÍlis vem-me à garganta quando o Denver sobe a rampa. Não importa que eu tenha crescido aqui, que tenha assistido a *rodeos* centenas de vezes ou que costumasse sentar-me no topo da sua rampa quando ele montava. O stress de ver alguém colocar-se em perigo de propósito desgasta-me um pouco, mas não posso negar que a minha ansiedade atingiu os pÍncaros neste momento. Infiltrando-se em cada músculo, ligamento e fibra do meu ser. Observá-lo é diferente.

Lambendo os lábios, aguardo pelo aceno com a respiração suspensa. Pela libertação do cavalo rebelde. O portão abre-se e o Denver levanta os pés, batendo com as esporas embotadas acima das espáduas do animal, marcando a sua montada legal. Para uma prova qualificada, tem de sair da rampa nessa posição e manter-se assim até os cascos dianteiros tocarem no chão pela primeira vez. Uma vez marcado, os oito segundos são tanto para o espetáculo como para se manter na sela. E, *porra*, o Denver Wells sempre foi ótimo a dar espetáculo.

Um segundo. A sua forma é perfeita: calcanhares firmemente levantados, braço imóvel e o rabo quase colado à sela. Muito melhor do que me lembrava de o ver fazer quando era miúdo.

Dois segundos. Os seus calcanhares descem junto aos flancos do cavalo com uma temporização impecável antes de voltarem a subir as espáduas.

Três segundos. O cavalo vira na minha direção. O canto sossegado da arena onde me escondi estrategicamente, evitando os habitantes locais. Evitando-o a ele.

Quatro segundos. Juro que os seus olhos se encontram com os meus, apesar de saber que não há maneira de ele estar atento a nada que não seja permanecer em cima do animal que se contorce. Mas não consigo convencer o meu coração disso, que falha um batimento.

Cinco segundos. O cavalo vira para a direita em pleno ar, quase atirando o Denver para fora da sela com a curva inesperada e brusca. De repente, ele debate-se para se manter montado, agarrando as rédeas como quem se agarra à vida, procurando equilibrar-se com a ajuda do braço livre. O seu chapéu de cowboy cor de areia voa na direção contrária, flutuando no ar antes de cair no chão.

Seis segundos. Mais uma viragem esporádica, diretamente na direção da vedação. O Denver é projetado por um dos flancos do cavalo e bate com as costas no gradeamento de metal e com a cabeça num cartaz de patrocínio da *Al's Hardware*. A queda no solo é envolta numa nuvem de poeira, e um silêncio enfático abate-se sobre o público.

O meu estômago revolve-se e a minha respiração cessa. O silêncio paira sobre a arena — o relógio do evento e o conceito geral de tempo param, enquanto todos esperam que ele se levante. Os segundos passam, os assistentes levam o cavalo em segurança pelo corredor para o efeito, mas o Denver continua imóvel.

Passando por entre os varões, corro pela areia espessa que cobre a arena, sentindo todos os músculos das pernas a arder devido ao esforço para chegar a dele. Deixo-me cair sobre o solo aquecido pelo sol e a minha mão direita levanta a identificação que trago ao pescoço.

— Eu sou paramédica. Parem de lhe tocar — grito aos cowboys que o tentam trazer de volta à vida. — Querem ser úteis? Vão buscar o colar cervical e o plano duro.

Duas coisas que eu própria teria trazido, se estivesse com a mentalidade certa no momento do acidente. Se não tivesse sido apanhada de surpresa por algo tão estúpido como o meu ex-namorado do secundário a olhar na minha direção. Espera-se de mim que seja uma profissional médica treinada, não uma adolescente tola e cheia de hormonas. Era *por isto* que prestar cuidados médicos a familiares ou amigos era contra a política do meu antigo emprego. Só que agora sou enfermeira na minha pequena cidade natal, e uma política como esta significaria não poder ajudar praticamente ninguém.

— Denver. — O simples murmurar do seu nome deixa-me a boca seca. — Denver. Denny. — Da segunda vez, é uma súplica.

As suas pestanas escuras e compridas abrem-se lentamente e a maçã de adão sobe e desce ao tentar engolir a custo.

— Ursinha? — sussurra.

— Ei. Não te mexas, está bem? — respondo, colocando-lhe a mão sobre a testa bronzeada para o manter imóvel, ao mesmo tempo que a minha visão periférica se apercebe de um cowboy a correr na nossa direção com o equipamento que pedi. — Como te sentes?

— Melhor do que nunca — responde, com um sorriso dorido, quando lhe coloco o colar cervical em volta do pescoço.

— Pois, de certeza que sim — ironizo. Olho para ele ao mesmo tempo que digo a mim mesma que estou apenas à procura de uma dilatação anormal das pupilas. Só que estou a afundar-me na doçura dos seus olhos grandes, apesar de fazer um esforço para me libertar do poder que sempre tiveram sobre mim. Têm um tom castanho em que muita gente não repara, assumindo que são castanho-claros. Só que os dele são salpicados de âmbar e dourado, uma gama de cores visível apenas a quem se aproxima o suficiente para o beijar. — Muito bem, vamos meter-te na ambulância e levar-te para Sheridan.

Faço sinal aos cowboys para que peguem no plano duro e, juntos, colocamo-lo em cima do mesmo. Já não é um adolescente magro e esguio, e são necessários quatro homens para o transportar para fora da arena. Sempre a alma da festa, Denver dá um pequeno

murro no ar para o público, o que deixa a multidão entusiasmada. Ouvem-se aplausos ruidosos e o locutor transmite votos de melhoras ao cowboy da cidade através do altifalante. O rosto do Denver é iluminado por um sorriso, apesar de os seus olhos vidrados denunciarem a intensidade da dor que sente.

Quando chegamos à ambulância do *rodeo*, já graceja com os rapazes sobre uma futura vingança contra o Al da Al's Hardware. Metem-no na ambulância, eu falo com os voluntários da equipa médica e, em seguida, subo para o banquinho ao lado do Denver, combatendo a vontade de o olhar de novo nos olhos.

A ambulância é uma viatura descontinuada; é significativamente mais velha do que eu e não possui a maior parte do equipamento médico atual. Mas, pelo menos, oferece uma forma segura de transportar os muitos feridos de *rodeo* até ao hospital mais próximo, que se encontra a uma hora de distância. As pesadas portas traseiras fecham-se com estrondo e, menos de um minuto depois, saímos do parque de estacionamento.

Quando me inscrevi para prestar assistência médica no *rodeo* local, não imaginei que iria ficar sozinha com o meu ex-namorado. Graças a Deus pela papelada que me mantém ocupada. E pela estrada esburacada que me obriga a tratar de tudo com calma, fazendo um esforço para manter a minha letra legível enquanto o frágil veículo segue pela estrada principal, afastando-se de Wells Canyon. Sem nada para me manter as mãos e a mente ocupadas, posso acabar por fazer alguma escolha parva, como tentar falar com o homem deitado diante de mim.

Ele parece mais velho, mas passaram muitos anos, portanto até faz sentido. *Quando foi a última vez que o vi?* Vi-o de relance quando vim a casa passar o Natal há uns anos, creio eu. Ele não me viu.

Quando terá sido a última vez que ele me viu? Será que pareço muito mais velha?

Durante muito tempo, os únicos sons que se ouvem são o tilintar do equipamento e a voz do nosso motorista, o Johnny, que canta

a acompanhar uma cassete de Creedence Clearwater Revival. A forma como se assemelha a um cacarejo durante o tema «Fortunate Son» é deveras *desafortunada*, mas sinto-me grata pela distração.

Os olhos do Denver cravam-se no alto da minha cabeça muito antes de ele falar.

— Então, estás de volta à cidade.

— Parece que sim.

— Desde quando?

— Há umas semanas — respondo, encolhendo um ombro.

— Quanto tempo ficas?

— Não sei — suspiro.

Para começar, não queria voltar para a minha cidade natal. Na verdade, evitei Wells Canyon tanto quanto me foi humanamente possível na última década. Mas, agora, pensar em ir embora significa pensar na progressão da doença de Alzheimer da minha mãe para lá daquilo com que eu e o meu pai conseguimos lidar sozinhos. Significa pensar em transferi-la para um centro de cuidados continuados ou para os cuidados paliativos. Por isso, por muito que não queira ficar aqui, não suporto a ideia do que significará a data final da minha estadia.

— Sentes-te capaz de dar respostas com mais de três palavras? — insiste ele.

Levanto a cabeça e encontro o seu sorriso irónico. A caneta bate na prancheta que tenho na mão e penso em responder que tenho *muito mais* do que três palavras que lhe podia dizer. Tenho tantos pensamentos desorganizados na cabeça, que não sei por onde começar.

— Na verdade, *não* — respondo, contando as palavras com os dedos e abanando a cabeça antes de voltar ao relatório do incidente. Preencher a papelada serve apenas para me lembrar de que já soube todos os pormenores da vida deste rapaz. Agora, o meu conhecimento limita-se ao seu nome completo, data de nascimento e grupo sanguíneo.

— O teu contacto de emergência é a tua namorada?

— Sempre és capaz de dizer mais do que três palavras de uma vez. Eu não tenho namorada.

— A loura com quem estiveste atrás das rampas sabe?

— Blair Hart, andas a *espíar-me*? — Dirige-me um sorriso torto, com que as suas famosas covinhas fazem conjunto. Covinhas que me roubaram o coração, há muitos anos. Um sorriso que recuso permitir que me envolva de novo. — Nah, acabei com ela depois da prova de hoje.

— Tu... acabaste com ela? *Depois* da prova? — Olho para ele por entre pálpebras semicerradas, procurando alguma indicação de que possa estar a sofrer uma hemorragia cerebral. — Precisas mesmo de fazer uma tac quando chegarmos ao hospital, porque eu não saí de ao pé de ti desde que caíste. Quando é que tiveste tempo de acabar com ela desde então até agora? Acho que estás confuso.

— Não estou confuso, e nós não acabámos porque não estávamos realmente juntos. O Colt entregou-me a minha carteira e o meu telemóvel antes de me trazeres neste monte de sucata — responde, mostrando os seus pertences, tentando disfarçar a dor evidente que sente no ombro. — Enviei-lhe uma mensagem enquanto estavas ocupada a ignorar-me. *Péssima* forma de tratar um paciente, a propósito.

Algumas coisas, como as suas provocações namoradeiras, parecem nunca mudar. Outras, como a atitude idiota de não se importar com as mulheres, são dolorosamente novas para mim. Claro que ouvi relatos sobre a sua vida amorosa desde que me mudei para cá. É uma cidade pequena e todos estão mortinhos por me contar o que o meu ex-namorado tem andado a fazer sempre que venho de visita. Como se eu me preocupasse. Já lá vão catorze anos, pelo amor de Deus.

— Ena, livres-te dela por mensagem é mesmo estúpido.

Ele franze o nariz e abana a cabeça, tanto quanto o colar cervical lhe permite, como se pesasse as minhas palavras.

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas — contrapõe.

— Ou tens um traumatismo e estás a fazer escolhas infelizes.

— Nunca pensei com tanta clareza em toda a minha vida, Hart — responde, piscando-me o olho.

Deus me valha, que se tornou um perfeito idiota.

— Seja como for, a tua *ex*-namorada é o teu contacto de emergência?

— Não, é o Red. Ele costuma vir comigo aos *rodeos*, mas ultimamente tem andado um pouco preocupado.

— Pelo menos, um de vocês cresceu — murmuro, pegando no telemóvel para enviar uma mensagem à Cassidy, a minha melhor amiga. Não tenho o número de telemóvel do Red, mas uma vez que eles partilham uma filha recém-nascida, estão quase sempre juntos.

— Essa cena é sobrevalorizada... crescer, quero eu dizer. Estou feliz por ele e pela Cass. Não me interpretes mal, a Hazel é adorável e eu nunca vi o Red tão feliz. Mas não quero isso para mim.

Um sopro de ar involuntário escapa-se das minhas narinas e faço o possível para fingir que foi um espirro, passando um dedo pela ponta do nariz. O meu telemóvel vibra e eu olho para o ecrã iluminado.

— Bem, o Red está ocupado com a bebé, mas ele diz que o Austin virá buscar-te quando tiveres alta do hospital.

— Quer dizer que não posso voltar para Wells Canyon nesta maca desconfortável para caras?

— Felizmente, não — respondo, tamborilando com as unhas na prancheta e olhando para o relógio pela quadragésima vez. Juro que a viagem está a demorar significativamente mais do que o habitual.

— Podes voltar para casa connosco, se não quiseses ficar presa ao Sr. CCR — sugere, apontando na direção do Johnny com o polegar, que parece fazer um solo de bateria no volante. Não, eu não quero ficar mais uma hora a ouvi-lo cantar, mas prefiro isso a passar mais uma hora com o Denver Wells. — Além de que me poupavas a um sermão. O Austin vai querer arrancar-me a pele por causa disto.

— Esse sermão é bem merecido.

— Tenho saudades de quando fazias olhinhos para me livrares de sarilhos — geme.

O canto do meu lábio sobe de modo reflexo. *Céus*, eu passava o tempo a fazer como ele diz. Quando era adolescente e andava pelo rancho, o avô Wells e o Bennett tratavam-me como se fosse a filha que nenhum deles teve. O que significava que me safava de tudo e, como o Denver estava sempre comigo, também ele se safava de tudo.

— Seja como for, não posso — respondo. — Tenho de voltar imediatamente.

Prometi ao meu pai que estaria em casa à hora do jantar, porque o estado da minha mãe piora quando a noite se aproxima. Doença de Alzheimer precoce com pouco menos de 59 anos. Já há muito tempo que alguma coisa não estava bem quando o meu pai insistiu para que ela consultasse um médico, e eu culpo-me todos os dias por não estar por perto com mais frequência para reparar nos sinais. Não que isso ajude numa doença fatal. Mas podia ter estado presente para ajudar antes. Para passar mais tempo com ela. Nos dias em que realmente me apetece afundar-me num poço de depressão, dou por mim a desejar nunca ter saído desta cidade.

Um pigarrear arranca-me do meu estupor. O Denver ergue uma sobranceira, com o olhar cravado no meu.

— *Perguntei*: qual é a pressa? O *rodeo* já terá terminado há muito quando chegares.

— Eu... hum... — respondo, semicerrando os olhos e enfrentando o olhar dele. — Tenho de voltar, para o caso de algum cowboy bêbedo se magoar no baile do celeiro.

Ele parece aceitar a resposta, mordendo levemente os lábios enquanto pensa por um instante. A ambulância imobiliza-se num sinal vermelho. *Finalmente*, chegámos a Sheridan.

Passamos por cima de uma lombaa quando viramos para o parque de estacionamento das urgências do hospital, e o Denver aclara a garganta.

— Não tens curiosidade em saber porque é que acabei com ela? — pergunta.

— Absolutamente nenhuma — minto.

— A sério? Seja como for, calculo que saibas porquê.

A primeira coisa que me ocorre é: porque ele não passa de um garanhão em busca da sua próxima conquista. Sinto-me tomada por uma onda de claustrofobia e a minha mão agarra freneticamente o puxador da porta traseira, a precisar de sair deste inferno sobre rodas. Esperava lidar com emoções contraditórias aquando do meu regresso à minha cidade natal — *ao meu quarto de infância, por exemplo* —, mas não em respeito a ele. Não esperava que o seu sorriso presunçoso me fizesse subir o sangue ao peito e às faces. Não esperava o Denver Wells, caraças!

3

Denver



Sento-me no lugar do passageiro da carrinha do Austin, evitando o olhar que me dirige, e estendo a mão para o cinto de segurança com um estremecimento. Um traumatismo e uma clavícula partida. Sinceramente, podia ter sido pior. Talvez o Aus devesse concentrar-se no facto de eu não ter morrido, antes de começar a dar-me um sermão como se fosse meu pai.

— Não quero ouvir — gemo, encostando a cabeça ao vidro fresco da janela e fechando os olhos.

Não me safei nada mal com a Blair por perto, ainda cheio de adrenalina e provavelmente um pouco em choque — tanto por causa da queda como por tê-la visto. É verdade que não consegui parar de sorrir porque ela finalmente voltou para casa, algo por que rezei durante anos. Não que ela tenha percebido como eu estava feliz por voltar a vê-la, pois evitou ativamente interagir comigo.

E tudo se desmoronou no instante em que a vi afastar-se.

— Estás bem? — pergunta o Austin, quando a carrinha recua para sair do estacionamento.

Os analgésicos para a clavícula não fazem nada para aliviar a sensação de estar a ser lobotomizado com um picador de gelo que me

martiriza a cabeça — uma aura de dor fervilhante que me dificulta a concentração. Apesar de ser final de tarde, o céu nublado está demasiado claro e o motor da carrinha é demasiado barulhento. Além disso, o muro cuidadosamente construído à volta do meu coração já ameaça ruir por causa da rapariga que foi a razão de o ter construído.

Mas, tirando tudo isso, pode dizer-se que sim, que *estou bem*.

— Sim. Devias ter visto como ficou o outro — respondo, sem abrir os olhos, usando a mão do braço bom para imitar uma pistola, que aponto na sua direção.

— És um idiota — responde, e ouço-o passar a mão pela barba.

— Tu adoras-me. — Desta vez, abro um olho apenas o suficiente enquanto lhe dou uma palmadinha ternurenta no braço.

— Sabes o que adoro mais? Não desperdiçar metade do meu dia a vir arrancar-te do raio de um hospital.

— Obrigado, mano. Também te adoro — respondo, afundando-me no meu assento e inclinando a cabeça de modo que o pilar da carrinha bloqueie o sol. — É como nos velhos tempos, quando tu e a Blair iam em meu auxílio. Só soube que ela tinha voltado à cidade quando, de repente, dei por ela a cuidar de mim em plena arena.

Tinha surgido como um anjo, envolta em luz solar e a fitar-me com os olhos arregalados quando recuperei a consciência. Claro que já a tinha visto antes — foi a razão pela qual caí do cavalo. Mas tê-la assim tão perto, a falar comigo, o rosto tomado por uma expressão de preocupação, foi incomparável. Não se parecia com o que era antes, com roupas elegantes que não combinavam com um *rodeo*, o cabelo muito bem arranjado e mais maquilhagem do que a que usou no baile de finalistas. Não se parecia nada com a miúda de cidade pequena que eu conheci. Mesmo assim, continua tão deslumbrante como dantes.

— Não sabias? Tem estado no rancho quase todos os dias, com a Cassidy.

Amaldiçoando a enxaqueca, abro os olhos e fixo-os no Austin. *A sério?* Como é possível que eu seja o último a saber?

— Hum. Não devo ter recebido o lembrete.

— E ter-te-ias importado? — pergunta, erguendo uma sobran-celha.

Talvez? Sim?

— Não. O tipo da biossegurança és tu — respondo, olhando para o fundo da viatura. — Estou-me a borrifar para quem entra e sai do rancho.

— *Pois claro.* — Estende a mão para a caneca de viagem amolga-da que se encontra no suporte e bebe um longo gole. — Então, vais finalmente desistir dos *rodeos*?

Ah, chegou a hora do sermão.

— Tenho um traumatismo e uma clavícula partida — contrapo-nho com má cara. — Estarei de volta dentro de uma semana... duas, *no máximo*.

— Até te magoares outra vez. E ficarmos *de novo* com um co-wboy a menos. Ainda bem que isto aconteceu hoje e não daqui a umas semanas, quando estivermos realmente ocupados. Pagarias do teu bolso um trabalhador à jorna que te substituisse.

— Enche-me de ibuprofeno e whisky e serei praticamente in-vencível. Quando muito, fico mais forte do que o costume. Posso perfeitamente trabalhar.

— Deixa de ser idiota, Denver — responde, sorvendo o ar por entre os dentes. — Vais para casa dormir, como o médico disse.

Passou uma semana desde o *rodeo*, e ou a Blair conseguiu evitar-me por completo no rancho, ou o Austin exagerou em relação à frequên-cia com que ela aqui vem. É certo que passei a maior parte dos dois dias seguintes à queda na cama. Depois, contra a opinião das mães-galinha, também conhecidas como Beryl, Kate e Cecily, voltei ao trabalho. Posto isto, calculo que seja possível ela cá ter estado sem que eu a tenha visto.

Não quero perguntar a ninguém e dar a entender que me *importa* se ela esteve aqui. Não posso dar-me ao luxo de me importar com

o facto de ela ter voltado, apesar de o meu cérebro afetado pelo traumatismo me ter dito para tentar a sorte ainda na ambulância. O meu mundo inteiro ruiu quando ela se foi embora, há catorze anos. A ideia de a ter e de a voltar a perder provoca em mim um medo de morte.

Se acabei com a Peyton por capricho porque a Blair voltou para a cidade? *Com certeza*. Se estava a pensar como deve ser? *Não*. Mas, em todo o caso, a nossa relação casual estava a chegar ao fim. Nunca namoro com uma mulher por mais de um ou dois meses — se passar muito mais tempo, elas começam a ficar apegadas e torna-se mais difícil acabar a relação sem parecer um completo traste. Acabar por mensagem não foi a minha melhor jogada, admito. Principalmente porque agora ela está zangada e muito perto de se armar em Carrie Underwood comigo.

— Preciso desesperadamente de uma cervejinha — diz o Colt, juntando as palmas das mãos enquanto atravessamos a pé o parque de estacionamento do The Horseshoe, o bar da terra.

— Podes crer — respondo, estendendo a mão do braço bom para o puxador metálico em forma de ferradura da porta do bar, abrindo-a de par em par. Ao contornar uma esquina da sala, esbarro em algo, ou melhor, em *alguém*. — Merda, desculpa.

Ao agarrar instintivamente o braço da pessoa em quem esbarrei, tenho a sensação de ser atingido por um comboio de mercadorias.

— Porra, Blair. Desculpa — digo, largando-lhe o braço, mas não faço qualquer movimento para me afastar, apesar de estar praticamente em cima dela. Com quase um metro e oitenta de altura, ela fica cara a cara comigo. Suficientemente perto para um beijo. E diabos me levem, se eu não penso em atacar. — Temos de parar de nos encontrar assim.

— Assim como? Isto não tem nada... — Os seus olhos cravam-se no meu braço caído e ela solta um suspiro irritado. — Porque não usas a funda?

— Já estou perfeitamente bem — respondo, levantando o braço a noventa graus para me exhibir. Um calor escaldante irradia da minha

lesão, mas cerro os dentes e sorrio como se não sentisse qualquer desconforto.

— Além disso, ele não consegue pegar em dois copos com um braço — provoca o Colt, passando por nós.

— Isso parece-me um desafio — respondo, erguendo uma sobancelha na direção dele.

— Denver.

A Blair evidencia o facto de o meu nome ter duas sílabas. Inclina a cabeça e bufa em jeito de censura, olhando para mim de um modo que provoca um coro trocista dos peões do rancho, que depois se afastam rapidamente antes de serem alvo da sua ira.

— Blair — respondo com um sorriso, dizendo o nome dela de uma maneira que acaba por ser apenas uma tentativa medonha de imitar o sotaque de uma beta rica.

Se a achei demasiado formal e elegante para o *rodeo*, aqui está *mesmo* a ir mais além. A camisa preta de manga comprida é tão modesta que não deixa exposta uma nesga de pulso ou pescoço, mas é tão justa que acentua todas as curvas delicadas da sua constituição atlética e esbelta. Veste calças beges de cintura alta e calça *saltos altos*.

A Blair Hart não usa saltos altos — ou *não usava*. Nem sequer no baile de finalistas. Ela já não se enquadra nesta cidade, e ao pensar nisso ocorre-me uma rápida lembrança do seu guarda-roupa de adolescente: calças de ganga, t-shirts desbotadas e uma coleção de chapéus *Stetson* capaz de fazer inveja a qualquer cowboy desta cidade. Depois cresceu, foi viver para outro sítio e mudou. E, apesar de ter passado uma década, parece que continua a afetar-me da mesma maneira que me afetava quando partiu de vez.

— Só se passou uma semana. Devias usar uma funda. No mínimo, tenta manter a clavícula estabilizada quando te sentas. Nada de duas bebidas numa mão. Entendido?

— Sim, comandante — respondo, batendo-lhe continência na esperança de lhe arrancar um sorriso. Nada. — E que fazes tu aqui? — pergunto.

Forma-se uma pequena ruga entre as suas sobrancelhas quando aponta para a pequena bolsa preta de empregada de mesa que tem à cintura.

— O que te parece que estou a fazer? Estou a ajudar o Dave, que ainda não arranjou quem substitua a Cass.

Começa a parecer-se imenso com uma adulta numa BD dos Peanuts, à medida que minha visão de túnel se estreita a uma velocidade vertiginosa.

Um anel de noivado, *porra!*

Ela tem um anel de noivado no dedo. A *minha* Blair tem uma pedra descomunal na porra do anelar da mão esquerda. É demasiado grande para os seus dedos esguios. Demasiado ostensivo para a sua personalidade. Muito pouco prático para uma enfermeira, que deve usar luvas de látex muitas vezes. Mas talvez o motivo para eu sentir que cada batimento do meu coração me magoa é ela ter-me prometido essa parte de si quando tinha 17 anos.

A *porra* de um anel de noivado.

Franzo o nariz para acalmar a sensação de picada e esforço-me por respirar normalmente.

Sem se aperceber, ela enfia os mãos nos bolsos das calças elegantes e vira-se para se afastar.

— Vai lá sentar-te. Já te levo uma cerveja — limita-se a dizer.

Fico a vê-la afastar-se, dizendo a mim mesmo que não devia. Foi estúpido pensar que ela não tinha continuado a sua vida depois de uma década longe daqui. Ela é perfeita em todos os sentidos — naturalmente, terá encontrado um homem rico na cidade, capaz de realizar todos os seus sonhos. Eu nunca poderia ser esse homem.

— Vem dançar comigo — sussurra-me uma voz rouca ao ouvido, provocando-me arrepios no pescoço. Unhas afiladas percorrem-me a pele arrepiada até a Peyton me arrancar o chapéu da cabeça e o colocar na sua. Naturalmente, a mensagem não significou nada para ela.

— Não posso usar o braço — respondo, concentrado unicamente na visão do rabo da Blair ao curvar-se para limpar uma mesa.

Ela está comprometida.

Lá por haver guarda-redes, não quer dizer que não se possa marcar...

Não. Ela não é dessas.

— Sabes que mais? Que se lixe — digo, voltando-me para a Peyton, olhando para o seu top curto e brilhante. Até o decote é brilhante. — Vamos dançar.

Deixo que me conduza para a pista de dança, passando o meu braço bom em torno da cintura dela enquanto se ouve o Randy Travis nas colunas de som. E, se calhar, devia mesmo ter usado a funda, porque todo o meu tronco treme no final de um primeiro *two-step* mal-amanhado.

A Peyton cresce subitamente uns cinco centímetros, pondo-se em bicos de pés, ao que parece para um beijo. Mas por mais vontade que tenha de dançar com ela, não tenho qualquer interesse em levá-la para casa esta noite, por muito que o chapéu de cowboy na sua cabeça o insinue. Por isso, dou um grande passo atrás e deixo descair o braço da sua cintura.

— Preciso de uma bebida — articulo por cima da música alta, indicando a parede do fundo com a cabeça, junto da qual todos os peões do rancho bebem em torno de uma grande mesa de madeira. Depois de tantos anos a passar todas as noites de sexta-feira aqui, aquele canto tornou-se um local reservado para nós. Sem que seja necessária qualquer placa de reserva.

Para meu grande desânimo, a Peyton vem atrás de mim. E deixa-se cair no meu colo quando me sento, enviando pontadas de dor aguda da minha axila até às pontas dos dedos. Depois de umas semanas de namoro casual e uma mensagem a acabar tudo, aqui estou eu com alguém excessivamente agarrado a mim.

E podia ignorar a dor atroz na clavícula, ou o aborrecimento por ter o rabo ossudo da Peyton no meu colo, se alguma dessas coisas provocasse uma simples centelha no olhar da Blair. Mas o copo cheio de cerveja bate na mesa diante de mim, cheio até à borda, e ela vai à sua vida. Sem qualquer vislumbre de ciúme ou de interrogação,

sem contacto visual cheio de desejo. Parece que ver-me com outra rapariga não tem qualquer efeito sobre ela. Enquanto isso, aquele anel no seu dedo — mesmo sem saber nada sobre o tipo — faz-me pedir silenciosamente desculpa ao meu fígado pelo esquecimento alcoólico em que estou prestes a afogá-lo.

— Hart — chamo, atraindo a sua atenção por um breve instante.
— Traz um tabuleiro com shots. De whisky.



4

Denver, 13 anos

Bato as botas, lançando poeira e pedaços de lama seca pelo ar. Sentado na caixa da carrinha da minha mãe, observava-a selar um cavalo castrado de 7 anos. Algures, o meu pai e o Austin deviam estar a praticar a prova de laço em equipa. O Jackson estava no seu mundo, como sempre, a escovar lenta e pensativamente a sua égua. E eu sem nada que fazer. Sem ter onde estar até chegar a altura de eu montar... dentro de pouco mais de três horas.

Adorava *rodeos*. Toda a minha família adorava *rodeos*. Tanto que, na verdade, o meu avô foi presidente da associação de *rodeos* local durante mais de vinte anos, como o seu pai antes dele. De abril a outubro, todos os fins de semana eram consumidos em *rodeos*. A minha mãe era uma das melhores corredoras de barril da Colúmbia Britânica. O meu pai e o Austin faziam uma dupla poderosa na prova de laço, com o Aus na cabeça e o pai na traseira. O Jackson preparava-se para ser o melhor laçador de bezerros do circuito provincial de *rodeos* do ensino secundário. E depois, eu. O único que não precisava de tratar ou exercitar o cavalo. O único treino era saltar para o dorso de cavalos por domar e de gado insubmisso no nosso rancho. Apesar das objeções da minha família, preferia montar novinhos em vez de os laçar ou de lutar com eles.

Dobrando a nota de dez dólares que o meu avô me dera nessa manhã ao pequeno-almoço, enfiei-a no bolso da frente das minhas calças de ganga e saltei da caixa da carrinha.

— Vou comprar uma bebida — avisei, olhando para a minha mãe.

— Está bem, querido. Se vires a Blair, compra uma para ela também.

— Mas o avô...

— Denver Wells. — O seu tom foi contundente, cerrando-se sobre mim enquanto apertava a cilha do cavalo. — Sê um menino decente e paga uma bebida àquela rapariga. Ela fez a sua melhor corrida da temporada até agora, e merece.

Revirei os olhos ao mesmo tempo que bufava. Tinha limpado mais baias na véspera para ganhar aquele dinheiro, e agora tinha de o gastar com aquela miúda. *Bonito serviço.*

— E, Denver — chamou a minha mãe quando eu começava a afastar-me —, talvez seja divertido passarem tempo juntos. Tirando nós, ela não conhece mais ninguém aqui.

Duplo bonito serviço.

Agora tinha de gastar o meu dinheiro arduamente ganho com a miúda e passar tempo com ela?

Devia ter-me esquivado quando a minha mãe não estava a olhar.

Lamentando a minha decisão de abrir a boca, caminhei pesadamente pelos terrenos do *rodeo*. Passando por entre atrelados com gado, mantive a cabeça baixa. Calculei que a forma de não me meter em apuros por não ter oferecido um refrigerante à Blair era não a ver durante o percurso até à banca.

Azar o meu.

Ali estava ela. Sobre uma extensão de erva diretamente no meu caminho. A assistir a um evento de pega de touros com umas calças empoeiradas e uma camisola de *rodeo* cor-de-rosa-choque. O cabelo escuro caía-lhe em tranças pelas costas, e o sol quente fazia-o brilhar.

A Blair Hart.

Conhecíamos-nos desde o pré-escolar. Éramos da mesma idade e fomos sempre do mesmo ano e da mesma turma — ainda que

isso não significasse que fôssemos amigos. Era vulgar cruzarmo-nos nos corredores, e, por vezes, eu servia de intermediário quando ela trocava bilhetinhos com as amigas. Frequentámos círculos separados até a Blair decidir que queria começar a participar em corridas de barris. Ao contrário da minha família, os Harts não participavam em *rodeos*, por isso a minha mãe acolheu-a sob a sua asa. Disse qualquer coisa sobre querer mais estrogénio numa casa cheia de rapazes, num rancho cheio de cowboys. De repente, a Blair passou a acompanhar-nos em quase todos os *rodeos* e a apanhar o autocarro da escola para casa connosco três dias por semana, para treinar na nossa arena.

Ela era uma rapariga simpática. Inteligente, um pouco calada, e por vezes até conseguia ter piada. Não que eu admitisse tal coisa perante os outros rapazes da escola.

Ainda assim, não tinha interesse em andar com ela o dia todo. E não tinha *mesmo* vontade nenhuma de lhe comprar a porcaria do refrigerante com o dinheiro que tanto me custara a ganhar. No entanto, preferia fazer isso a ter de enfrentar a ira da minha mãe.

— Olá. Vou comprar uma bebida fresca — anunciei, olhando para ela, esperando que os seus olhos encontrassem os meus. — O que queres?

— Oh, hum... — A Blair levantou-se e sacudiu a poeira das suas calças. — Deixa-me ver o que têm.

Não parou de mexer na manga da camisa com botões de pérola durante todo o caminho até à banca onde vendiam os refrigerantes. Mantendo uma distância suficiente para mais duas pessoas entre nós, era evidente que ela não queria passar mais tempo comigo do que eu com ela. Graças a Deus.

Depois de receber as duas latas de refrigerante e o pouco troco, entreguei uma lata à Blair à sombra ténue de um pinheiro. Ela sorriu, introduzindo um dedo sob a anilha de metal para abrir o seu *Dr. Pepper* com um estalido agressivo acompanhado pelo sibilar do gás da bebida.

— Obrigada, Denny.

— Não tens de quê — respondi, bebendo um gole do meu *Mountain Dew* enquanto procurava alguém com quem quisesse estar, guardando o troco no bolso.

— Ei, vi uma linha férrea ao fundo da colina, quando chegámos — disse ela com um sorriso malicioso. — Devíamos ir lá colocar as moedas que tens no bolso nos carris.

— Porquê? — perguntei, erguendo uma sobrancelha e falando para a minha lata acabada de abrir.

— Porque é fixe. Ficam muito grandes e achatadas depois de o comboio lhes passar por cima — explicou. — Apesar de ser um pouco perigoso — rematou, olhando para mim como se soubesse que aquela última palavra era a minha fraqueza.

— Claro. Pode ser — respondi, encolhendo os ombros, não vendo mais ninguém com quem me apetecesse estar.

A Blair já tinha dado meia-volta e começado a andar rapidamente antes de eu acabar de falar, e tive de correr um pouco para a apanhar. Afinal, a «colina» era um talude íngreme coberto de argila solta, e fomos obrigados a descer deslizando sobre os nossos traseiros. Não fazia ideia de como voltaríamos para cima, mas a Blair riu-se baixinho durante toda a descida, e não consegui evitar que um sorriso me aflorasse os lábios.

— Então, o que fazemos? — perguntei, esperando ansiosamente por alguma coisa arriscada que a Blair tivesse planeado para nós, tirando os trocos do bolso e entregando-lhos.

— Colocamos o dinheiro nos carris e esperamos que o comboio passe.

— Não me parece assim tão perigoso — observei, cravando os olhos semicerrados no aço estreito.

— Bem, talvez não seja tão assustador como montar um novilho. Mas podes ficar com um pé preso nos carris, ou podes não ouvir a tempo um comboio que se aproxima. Se o maquinista nos vir... foge.

Uma cena ilegal. Agora, sim!

— Está bem — assenti, escolhendo três moedas de cobre e guardando o resto do dinheiro no bolso.

Entreguei-lhe duas, avancei para os carris e esperei que a Blair me mostrasse o que fazer.

De modo diligente, ela colocou as moedas no centro do aço, separadas por cerca de trinta centímetros, e recuou para apreciar o seu trabalho. Fiz o mesmo, colocando a minha moeda com a coroa voltada para cima, antes de me deixar cair sobre a erva macia a poucos metros dos carris.

Ficámos em silêncio durante cerca de vinte minutos. Incapaz de ficar quieto por mais do que um instante, fiz um esforço para não me ir embora e ferir os sentimentos dela. Arranquei pedaços de erva e enrolei-os entre os dedos, tirei lama seca e bosta de cavalo das botas e racionei os goles que dava no meu refrigerante.

— Desculpa — disse ela baixinho. — Achei que passassem mais comboios.

Tinha as faces ligeiramente rosadas, mas, apesar de me sentir dolorosamente aborrecido, não quis que ela se sentisse ainda pior por causa da sua ideia tola de diversão.

— Vamos ficar mais um pouco — sugeri. — Há de acabar por passar um comboio.

— Não faz mal se não quiseres ficar — respondeu. — As moedas achatadas não são assim *tão* fixes.

— Não tenho mais nenhum sítio aonde ir — insisti, alisando cuidadosamente uma folha de erva. — Diz-me, o que te fez começar a participar em corridas de barris?

— Os meus pais queriam que praticasse um desporto.

— E o futebol não era opção, ou...

— Já viste como são as equipas de desporto na nossa escola? — respondeu, soltando uma gargalhada. — Ninguém as leva a sério. E eu sou demasiado competitiva para estar numa equipa assim.

Isso explicava por que razão treinava mais do que qualquer pessoa que eu conhecesse. Claro que ela estava em desvantagem quando

começara, poucos meses antes, tendo montado a cavalo apenas uma mão-cheia de vezes em toda a sua vida. Mas, em meados de junho, ninguém diria que ela era uma novata.

— Parece-me bem. E, seja como for, o *rodeo* é mais divertido do que o futebol.

— Então, e tu? — quis saber ela, prendendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha antes de se inclinar para trás para se apoiar nos cotovelos. — Porquê montar novilhos em vez da prova de laço, como os teus irmãos?

— Posso laçar vitelas no rancho. Não me diverte. — Estendi as pernas para diante e deliciei-me com o sol que me batia no rosto, semicerrando os olhos para encarar o céu azul-pálido. — Preciso da adrenalina.

— Parece-me bem — respondeu num murmúrio.

Passaram-se mais alguns minutos sem que nenhum de nós falasse. Depois, começámos a conversar, primeiro aos poucos. Uma rápida alusão aos planos para as férias de verão, um comentário sobre como os comboios pareciam ser poucos, uma conversa sobre o *rodeo* seguinte. Passada uma hora, nenhum dos dois conseguia calar-se. Atropelávamos constantemente a conversa um do outro, rindo até nos doerem as bochechas, dizendo as mesmas coisas ao mesmo tempo — já lhe devia pelo menos seis latas de *Coca-Cola* porque ela ganhava todos os jogos de «não morremos hoje». E fazer as contas a quantas baias teria de limpar para pagar todos aqueles refrigerantes também não me fez a mínima confusão.

O pedaço soalheiro em que estávamos sentados já tinha dado lugar à sombra do final da tarde quando finalmente começámos a discutir as nossas comidas preferidas — depois de termos explorado praticamente todos os outros tópicos de conversa disponíveis.

— O teu gelado preferido não pode ser de noz caramelizada — espantei-me, olhando com os olhos muito arregalados para o seu rosto brilhante, com sardas causadas pelo sol e rosado de tanto rir. — Ninguém com menos de 70 anos come tal coisa. Juro por

Deus que se disseses que o segundo sabor de que mais gostas é napolitano...

— Gelado napolitano deve ser o gelado perfeito — riu-se. — A sério, se lhe juntares nozes caramelizadas, terás o meu gelado de sonho. Telefona já para a Breyer e encomenda.

— Vão achar que é uma partida — respondi, fingindo engasgar-me —, porque ninguém estaria interessado nessa abominação.

— Cala-te, palerma — ordenou a Blair, e as pontas dos seus dedos roçaram o meu braço numa palmada fingida. — Mais gelado sobra para mim, nesse caso.

— Como queiras. Preferia não comer gelado até ao fim da vida a ter de comer isso.

— Oh, *como se fosse verdade*. — Ela revirou os olhos de modo dramático. — São só nozes, não sejas dramático. Até parece que te disse para pões sardinhas no gelado.

— Não me admiraria. Também é comida de velha.

Os seus olhos foram ensombrados por uma expressão que nunca vira. Maníaca. Conspiratória.

Aterradora.

— Não... Nem sonharia em fazer tal coisa — respondeu, formando uma covinha na face ao falar.

Merda.

— Pois, espetacular. De agora em diante, vou sentir terror de comer gelado perto de ti.

— E deves, Denny — comentou em jeito de aviso, olhando para o delicado relógio que tinha no pulso, deixando cair os ombros ao mesmo tempo que soltava um profundo suspiro. — Tens de voltar. As provas de montar devem estar a começar. Desculpa fazer-te perder tempo.

— Diverti-me mais aqui do que me divertiria com aqueles parvalhões — respondi, apontando com o queixo para os terrenos do *rodeo*, e o pequeno sorriso que lhe coloriu os lábios foi contagioso. Pus-me de pé de um salto e sacudi as duas pernas para despertar

os músculos. — Anda. Deixamos as moedas e depois voltamos para ver o que aconteceu.

Estendi-lhe a mão e fiquei um pouco surpreso com o calor suave da palma da mão dela quando agarrou a minha para se levantar.

— Vais ver-me montar? — perguntei.

— Claro. Não tenho mais nada para fazer — respondeu, olhando brevemente para mim por cima do ombro, enquanto começava a dirigir-se para a colina. Iniciou a escalada do talude solto e escorregadio de gatas. — Só tenho de estar em casa dos velhotes às cinco da tarde, para não perder o pudim.

Senti um calor no peito, e não foi devido ao cárdio intenso a que a subida obrigava.

— Bem visto. Não há melhor.

— Se me fizeres perder o pudim de caramelo, vais *mesmo* comer gelado de sardinha no próximo fim de semana, Wells — ameaçou, detendo-se por um instante no alto da colina para fixar em mim um olhar ameaçador e ter-me na mira do seu dedo indicador, quase perdendo o equilíbrio, o que nos teria feito rebolar até ao fundo da encosta.

— Pois, é claro que tinhas de gostar de caramelo. És mesmo uma velhinha, Hart.

Com o material de proteção vestido, coloquei-me atrás da rampa, de olhos postos num novilho chamado *Big Tom* enquanto a minha mãe me colava um número nas costas. Apesar de não compreender o meu desejo de subir para o dorso de um novilho não domado durante oito segundos, ela nunca tinha perdido uma prova e nunca tentou convencer-me a não competir.

— Vai-te a eles, querido — disse, passando a mão firme pelo meu ombro antes de me dar uma última palmada nas costas quando subi para o gradeamento de metal. Preparado para subir a rampa, dirigi-lhe um sorriso.

A adrenalina e excitação corriam-me pelas veias. Sentia o sangue numa torrente no meu peito. Um ritmo surdo e constante ecoava no

fundo dos meus ouvidos e irradiava em redor do meu crânio, como um capacete resistente — algo para me proteger contra o medo natural. Não há como negar que ninguém *deve* sentir-se confortável a montar um animal que o quer ver morrer. E, no entanto, saber que o novilho me podia mutilar fazia parte da emoção.

Curvando-me para diante, enfiei a mão por debaixo da corda, fazendo deslizar a pega de couro pela palma até a conseguir agarrar com firmeza. Os adolescentes que montavam novilhos tinham permissão para se agarrarem com as duas mãos, mas eu queria fazê-lo como deve ser. Queria provar que tinha o que era necessário para competir com os homens. Se me deixassem, montaria um cavalo por domar ou um touro, em vez de um novilho.

Engolindo a saliva que se acumulara no fundo da minha boca, ouvi a voz do meu avô junto ao meu ouvido. A sua mão do tamanho de uma luva de baseball pousou-me no ombro.

— Tu consegues, miúdo. Lembra-te: respiras fundo três vezes, ajeitas essa mão e, em seguida, deixas o corpo fluir com o ímpeto. Não penses demasiado.

Inspirei o ar poeirento, deixando os odores do animal chegarem aos meus pulmões, e expirei com força. Três vezes.

A mão do meu avô deixou o meu ombro, ele acenou com a cabeça e eu fiz o mesmo.

O portão abriu-se de par em par e o novilho saiu disparado para o espaço aberto, sacudindo o meu corpo a cada salto, fazendo-me balançar em todas as direções. O aperto da minha mão tornou-se mais forte e eu descontraí, deixando que os meus movimentos fluíssem como uma onda no mar. O apito de um comboio soou em perfeita harmonia com a buzina do *rodeo*, e o pessoal da segurança não conseguiu chegar a tempo até mim. Assim que toquei com as botas no chão, desatei a correr.

Saltei a vedação, livre-me do equipamento, atirei os safões para um monte junto do local onde a minha mãe assistira à minha prova e, quase sem fôlego, exclamei:

— Tenho de ir ter com a Blair. Já volto.

Se ela fez alguma pergunta, não ouvi. Com o sangue a martelar-me os ouvidos, corri pela viela numa tentativa de encontrar a Blair. Ela estava sentada num banco de metal, a ver o pessoal da segurança a tentar conduzir a manada para fora da arena, quando me deixei cair ao seu lado com um forte suspiro.

— Oh — espantou-se. — Olá. Ena, Denny. Foi uma prova fantástica. Tipo... foste fantástico.

Sorriu para mim, os seus olhos castanhos assumindo um tom dourado sob a luz do sol, e eu quis dizer-lhe que tinha sido apenas uma prova *normal*. Sabia que não tinha sido a minha melhor prova, e não precisava de ficar ali para os ouvir anunciar que não era o vencedor.

— Ouvi o comboio — disse, pegando na mão dela para a fazer levantar. — Vamos ver as nossas moedas.

— Denny, a sério que não é assim *tão* emocionante — disse ela, seguindo-me para os taludes argilosos. — São só moedas achatadas. Não vão a lado nenhum. Podíamos ter ficado para ouvir a tua pontuação.

— Não importa, depois vejo de quanto foi. — Os meus pés afundaram-se na argila que se esboroava e perdi imediatamente o apoio. Caí para trás, para cima da Blair, que foi esperta o suficiente para nem tentar descer a encosta de outra maneira que não deslizando de rabo.

Soltando um guincho, levantou uma mão para tentar deter-me antes de as nossas cabeças chocarem, e as suas gargalhadas encheram o ar.

— Consegues aguentar em cima de um novilho sem qualquer problema, mas não consegues manter o equilíbrio aqui? — troçou.

— Estava apenas a tentar chegar lá abaixo antes de ti.

Passou a língua pelo lábio inferior e em seguida deu-me uma palmada no ombro com quanta força tinha. Lançando o corpo para diante, mal conseguiu manter o equilíbrio enquanto corria. Mas,

caraças, conseguiu. Levantou o punho num gesto triunfante e voltou-se para mim.

— Ganhei-te — provocou.

Corri atrás dela, deslizando sobre a terra macia para me deter junto a ela antes de o meu peito colidir contra o seu.

— Não sabia que estava a lidar com uma batoteira.

Ignorando-me, dirigiu-se para os carris e segurou uma das moedas achatadas entre o indicador e o polegar, deixando que o sol poente se refletisse na superfície suave. Os seus olhos de corça brilharam com um tom semelhante ao do cobre gasto, num caleidoscópio de castanhos, verdes e dourados.

Ela tinha razão. A moeda achatada não era assim *tão* impressionante. E percebi que ela sabia.

— Isto é tão fixe — menti, sorrindo, segurando na minha moeda para a inspecionar. — *Caraças*, gostava que tivéssemos feito isto com uma moeda de dois dólares, para vermos como ficavam as duas cores esmagadas. No próximo fim de semana?

— Boa ideia — respondeu, abanando a cabeça de forma pensativa. — Vou ver se arranjo um horário dos comboios desta semana, para termos a certeza de que estamos aqui para o ver passar.

Céus, ela era estranha. E acho que eu também era, porque desfrutei de cada segundo que passei com ela. Quando iniciámos o regresso para o recinto do *rodeo*, já estava a contar as horas que faltavam para voltarmos ali.

Sorri para a Blair, dando-lhe a mão para subirmos o talude juntos.

— Eu trago o pudim de caramelo — prometi.

ELA PASSOU ANOS A TENTAR ESQUECER. ELE VAI FAZER DE TUDO PARA QUE ELA SE LEMBRE.

Durante mais de uma década, Blair Hart evitou o regresso a Wells Canyon. Porém, quando o estado de saúde da mãe se agrava, ela não tem outra alternativa a não ser voltar e enfrentar os fantasmas do passado. Numa cidade tão pequena, Blair sabe que será impossível não se cruzar com Denver Wells, o cowboy que lhe partiu o coração tantos anos antes, mas isso não significa que esteja preparada para a forma como ele parece ser capaz de fazer o tempo voltar atrás apenas com um sorriso.

Em treze anos, Denver conseguiu arranjar maneira de manter afastados os seus demónios pessoais, mas tudo muda com o regresso de Blair, que literalmente o derruba da sua sela. Contudo, para poder sonhar sequer em reconquistá-la, ele terá de provar que é capaz de ser o homem de que ela precisa, o homem que em tempos ela amou.

Dedicada de corpo e alma à assistência à mãe, Blair não parece disponível para reviver a relação complicada que tiveram. E Denver vai precisar de muito mais do que o seu habitual charme de cowboy para a convencer a mudar de ideias e refazer o laço entre eles.

**NÃO PERCA,
DA MESMA
SÉRIE:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-399-7



9 789895 893997